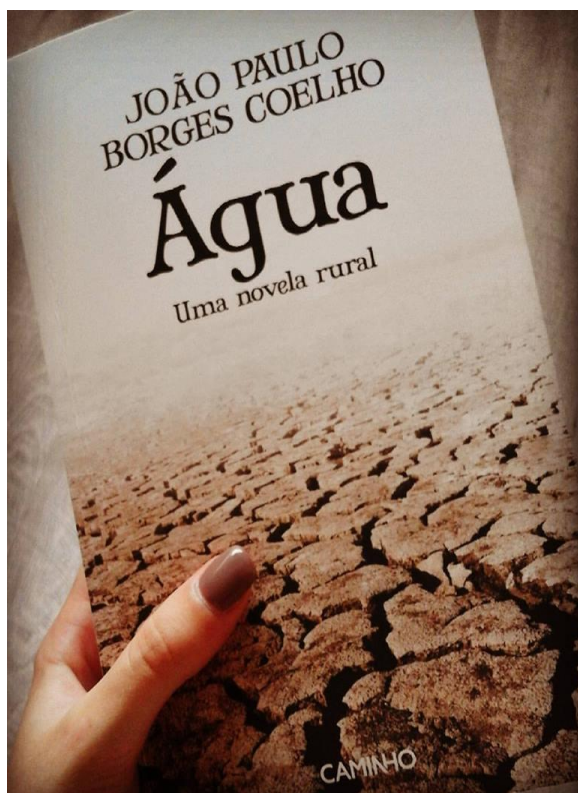


Água. Uma novela rural, de João Paulo Borges Coelho

Ana T. Rocha

Saído no mês passado e composto por 144 curtos capítulos, o livro *Água. Uma novela rural*, do escritor moçambicano Borges Coelho, traz-nos a história de uma população que surge caracterizada - na sua divisão social, laboral e de género - a partir da relação desta com as condições naturais do espaço. Melhor dizendo, é através da falta ou presença do elemento natural regente, o rio ou a água, que o papel de cada um na comunidade nos vai sendo revelado e que a personalidade de cada personagem se vai construindo e manifestando. A natureza baseia a organização da comunidade que se serve



dela e que tenta conciliá-la às suas necessidades, compreendê-la e manipulá-la de forma a que a sua exploração garanta a estabilidade quotidiana. Quando a natureza se revela invulnerável, os papéis e as personalidades das personagens sofrem desvios inesperados e a catástrofe, inicialmente, natural alastra-se por outras áreas.

Todo este enredo nos chega numa prosa de Borges Coelho que ganha, neste livro, contornos poéticos, sobretudo nos diálogos entre os dois velhos - Laama e Ryo - que são, no fundo, discussões filosóficas acerca dos fenómenos e acontecimentos que vão tendo lugar na obra. Ao jeito dos confrontos retóricos no conto tradicional, os dois velhos vão respondendo um ao outro, muitas vezes, com perguntas e metáforas, procurando, mais do que o prazer da palavra, o prazer de construir um argumento que seja mais convincente do que o do rival da oratória.

A ancestralidade convive com a modernidade e é neste movimento entre tempos, heranças e influências que as personagens vão adaptando e renovando os comportamentos relacionais entre elas, com mais ou menos equívocos, como os promovidos pelo telemóvel que une Maara e Ervio. Essa adaptação é feita, de igual modo, pelo próprio

narrador, que, através do uso da onomatopeia, característica da oralitura, torna presentes os telemóveis (“Críi” Críi!”), os automóveis (“Vrrrrrr! Vrrrrrr!”) e os novos costumes que estes trazem, como os assobios dos condutores para as mulheres (“Fiúúú!”).

Este é um livro onde Borges Coelho vai expondo ficcionalmente os convívios e incompatibilidades entre antagonismos vários que compõem, afinal, um tão pequeno grupo. Não posso, portanto, terminar sem salientar, ainda, Maara e Heera, as duas personagens femininas, que com os seus destinos distintos, servem ao autor para expor as violências, injustiças e abusos masculinos que limitam o papel das mulheres e dos homens na comunidade.